

Quebrando tabus com Lygia Bojunga (2006), Simone de Beauvoir (1980) e Pierre Bourdieu (2002): da Cinderela assediada a outras reflexões

Breaking taboos with Lygia Bojunga (2006), Simone de Beauvoir (1980) and Pierre Bourdieu (2002): from besieged Cinderella to other reflections

Antonio Luiz Gubert

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Professor no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus Xanxerê
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6937-1975>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2892368981839871>
E-mail: antoniogubert@gmail.com

Clara Noemi Pithon da Silva

Estudante do Ensino Médio no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus Xanxerê
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0555-3742>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9265130761336112>
E-mail: clara.p@ifsc.edu.br

Fabiana Aparecida da Silva Ferreira

Estudante do Ensino Médio no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus Xanxerê
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4075-2816>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7751803521372818>
E-mail: fabiana.asf@aluno.ifsc.edu.br

Morgana Rodrigues

Estudante do Ensino Médio no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus Xanxerê
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8356-4447>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1317782643497020>
E-mail: morgana.r1@aluno.ifsc.edu.br

Resumo

Muitas obras literárias retratam aspectos da vida comum de maneira tão verossímil ao ponto de transcender barreiras temporais, como é o caso do romance *Sapato de salto*, da escritora Lygia Bojunga (2006), narrado sob a luz de temáticas que, em grande parte, ainda são tratadas como tabus e que, assim como nas obras *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1980), e *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu (2002), trazem reflexões atemporais. Estas fazem parte do desenvolvimento deste trabalho, o qual objetiva apresentar uma análise comparativa entre as três obras, sendo o romance de Lygia a referência básica. Esse romance expõe o desenvolvimento da protagonista frente a inúmeras experiências físicas, morais, psicológicas, sociais e culturais. Então, previamente, foram realizadas observações quanto às temáticas presentes conjuntamente nas três obras literárias e, a partir disso, foram sistematizados seis eixos temáticos para relacioná-las. São eles: machismo/submissão da mulher ao homem; libertação feminina; feminicídio; sexualidade na adolescência; desconstrução de estereótipos masculinos e conflitos familiares. Notou-se, a partir desses eixos, um diálogo fortemente estruturado em assuntos difíceis de serem tratados, o que tornou o propósito deste trabalho relevante para repensar o modo como a vida humana em sociedade, esta que se demonstra cada vez mais plural e multidimensional, relaciona-se a aspectos interdisciplinares em torno das narrativas escritas de Lygia Bojunga, Simone de Beauvoir e Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Lygia Bojunga. Mulher. Sexualidade. Sociedade. Tabu.

Abstract

Many literary works portray aspects of common life in such a credible way as to transcend temporal barriers, as is the case of the novel "Shoe in heels", by the writer Lygia Bojunga, narrated in the light of themes that, for the most part, are still treated as taboos and which, as in Simone de Beauvoir's works "The Second Sex" and Pierre Bourdieu's "The Male Domination", bring timeless reflections. These are part of the development of this work, which aims to present a comparative analysis between the three works, with Lygia's novel being the basic reference. This novel exposes the protagonist's development in the face of countless physical, moral, psychological, social and cultural experiences. Then, previously, observations were made about the themes present together in the three literary works and, from that, six thematic axes were systematized to relate them. They are: machismo / submission of women to men; female liberation; femicide; adolescent sexuality; deconstruction of male stereotypes and family conflicts. It was noted, based on these axes, a strongly structured dialogue on difficult subjects to be dealt with, which made the purpose of this work relevant to rethink the way human life in society, which is increasingly more plural and multidimensional, relates to interdisciplinary aspects around the written narratives of Lygia Bojunga, Simone de Beauvoir and Pierre Bourdieu.

Keywords: Lygia Bojunga. Woman. Sexuality. Society. Taboo.

Data de submissão: 24/09/2020 | Data de aprovação: 27/04/2021

1 Conversa inicial

O calendário marcava quatorze de março de dois mil e dezoito, uma quarta-feira. Já era noite quando, na região central do Rio de Janeiro, criminosos em um carro começaram a disparar contra outro veículo, este que conduzia três passageiros, dentre eles, Marielle Franco. Os bandidos mal sabiam que seus tiros não atingiram apenas Marielle. Ela foi atingida com pelo menos quatro tiros e acabou falecendo¹ e os demais passageiros também tiveram destinos semelhantes. Contudo, as balas não só atingiram Marielle, como atingiram e restrugiram em milhares de corações, que se revoltaram e comoveram com o acontecido daquela noite.

Marielle era uma mulher negra, lésbica e favelada que exercia um cargo de deputada envolvida na militância pelos direitos humanos. As repercussões deste crime levaram a investigações sobre um possível caso de feminicídio político e que, devido a sua gravidade, jamais deveria apagar-se de nossas memórias, pois esse ocorrido opera em cima de um terreno movediço e ainda enfrentado como tabu: ela foi assassinada por ser mulher ou foi só mais uma mulher assassinada? Ela é apenas mais uma estatística? Diante disso, o assassinato de Marielle provê a introdução inicial deste trabalho.

As reflexões decorrentes de crimes como o praticado contra a deputada envolvem diversos aspectos da vida em sociedade. São muitos os autores que se dispõem a realizar análises profundas e delicadas desses aspectos. Eles escrevem narrativas que abarcam temáticas impactantes, estas que vão de assuntos casuais até aqueles que estão presentes em experiências comuns entre nós, humanos, como o envolvimento com as drogas; relacionamentos abusivos; sentimentos e emoções intensas característicos da adolescência; relações familiares conturbadas; vulnerabilidade dos jovens e violência contra a mulher.

¹ Para mais informações, conferir a notícia publicada por Gonçalves et al: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml> Acesso em: 22 mai. 2020.

Nesse sentido, com este trabalho, buscamos analisar alguns desses autores ao estabelecer eixos temáticos em comum entre suas obras e, com isso, pretendemos construir uma “ponte” dos conceitos presentes em cada uma delas, com o intuito de desmascarar/quebrar temas ainda vistos como tabus. A referência básica que será utilizada para o alcance deste propósito é o livro *Sapato de salto*, da escritora Lygia Bojunga (2006), além das obras *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1980), e *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu, (2002).

Para tanto, o trabalho está organizado em duas seções, além desta introdução. Na primeira, a revisão de literatura básica é desenvolvida juntamente com as reflexões e discussões acerca da metodologia empregada. Esta contou com uma análise bibliográfica, que focou nas ideias e pressupostos teóricos que apresentaram significativa importância na definição e construção dos conceitos discutidos no artigo, para que, a partir disso, fossem sistematizados seis eixos temáticos, são eles: machismo/submissão da mulher ao homem; libertação feminina; feminicídio; sexualidade na adolescência; desconstrução de estereótipos masculinos e conflitos familiares. Na segunda, são apresentadas as considerações que o estudo permitiu alcançar até este momento.

1.1 Os autores e suas obras

Pierre Bourdieu (1930-2002) foi um antropólogo, sociólogo, além de professor no *Collège de France* e diretor do Departamento de Pesquisas da *École de Hautes Études en Sciences Sociales*. É reconhecido como um dos maiores sociólogos franceses das últimas décadas, já que muitas de suas produções intelectuais contribuíram amplamente no campo das Ciências humanas. Ele era um crítico ferrenho dos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais, uma vez que suas investigações sobre os fenômenos sociais estavam voltadas para a complexa relação de interdependência entre a sociedade e os indivíduos. Em sua obra *A dominação masculina* (BOURDIEU, 2002), Bourdieu expõe como as estruturas de dominação se estabelecem, além de apresentar como a simbologia e a subjetividade se enquadram nessa lógica de desigualdade. A obra também reforça a noção de que a dominação masculina não naturalizada (não biológica) provoca uma desigualdade entre os sexos, uma exclusão feminina no meio social.

Assim como Bourdieu, Simone de Beauvoir (1908 - 1986), intelectual francesa, também esteve centrada em analisar a condição das mulheres em sociedade. Simone foi reconhecida por ser uma mulher que transcendia a moral comportamental feminina vista como “normal” pela sociedade de sua época. Ela era uma mulher libertária e, graças a isso, suas ideias foram consideradas revolucionárias. Tornou-se escritora, filósofa existencialista (uma de suas frases mais célebres é: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, presente no livro *O Segundo Sexo* – 1980), ativista política e teórica social que rejeitava modelos e valores impostos com características hierárquicas. Suas ideias ressoaram pelo mundo, quando em sua obra, *O segundo sexo* (BEAUVOIR, 1980), escrita em dois volumes, analisou aspectos psicológicos, biológicos e históricos do segundo sexo no meio social, abordando de forma

direta, aspectos como o prazer feminino, menstruação, vagina, entre outros, o que fez com que sua obra fosse considerada a “bíblia do feminismo”, pois muitas reivindicações feministas desde a década de 60 foram baseadas nela.

Ainda que existam grandes produções literárias em que a receita para a escrita é entender por quais contextos a sociedade está perpassando (*zeitgeist*) e criar uma obra que possa metaforizar o momento para angariar certa atenção (o que, ressalte-se não subtrai em nada sua importância), existem literaturas que ultrapassam esses contextos temporais; são clássicos mais intensos e, por isso, atemporais. É o caso das produções de Simone de Beauvoir e Pierre de Bourdieu, nas quais a representação das temáticas de cada uma das obras promove discussões e reflexões que sempre estiveram presentes quando o assunto se refere às estruturas da sociedade na qual estamos inseridos. Ademais, existem algumas literaturas infantojuvenis que também se apropriam desses conceitos, tendo grande importância para a educação. A obra *Sapato de salto* (2006), de Lygia Bojunga, está dentre essas literaturas, já que sua narrativa “representa conflitos de crianças e jovens, utilizando o simbólico e o lúdico para questionar a ideia do universo ingênuo que é associado à literatura infantojuvenil” (MAEDA, 2011, p. 10).

Em 2007, essa produção literária da atriz, tradutora e escritora ganhou o prêmio “Altamente recomendável para jovens”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), a maior instituição do setor de literatura infantil no país, pois retrata questões essenciais à sociedade contemporânea, como o abandono; pobreza; violência contra a criança; trabalho infantil; construção de identidades e muitas outras. Portanto, o enredo de *Sapato de salto* instiga nos leitores reflexões importantes sobre a vida e a integração na sociedade enquanto retrata diversas aprendizagens por parte da protagonista da narrativa, o que se assemelha ao conceito literário *bildungsroman*², visto que o desenvolvimento de sua personalidade concretiza-se pelas experiências físicas, morais, psicológicas, sociais e culturais que vivencia no livro.

Por isso, ao longo deste trabalho serão apresentados quadros que mostram estas experiências de Sabrina, a protagonista, na casa adotiva (a casa amarela) e após o assassinato de sua tia. Dessa forma, como a obra de Lygia poderia se relacionar às obras de Simone e Pierre? As seções que se seguem encarregam-se de apresentar a resposta para a pergunta.

2 Mergulhando nos tabus

2.1 O que Lygia tem a nos dizer?

Com uma narrativa marcada por um enredo realista e atual, Lygia Bojunga retrata, no livro *Sapato de Salto* (2006), a história da protagonista Sabrina que, com “quase onze anos”, foi levada à casa da família de Matilde e Gonçalves com o objetivo de trabalhar como babá dos filhos do casal. Logo após sua chegada, a menina passa a ser abusada sexualmente por

² Para mais informações, conferir a obra de Maeda (2011): <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1837> Acesso em: 22 mai. 2020.

seu patrão, que tratava a situação como um segredinho entre os dois, persuadindo-a com “presentinhos”.

Certo dia, a campainha da casa da família tocou e, ao abrir a porta, Sabrina se depara com uma mulher arrumada que calçava um salto bem alto, e que se identifica como Tia Inês — a tia da Sabrina. A menina ficou assustada, pois até então, a história que todos sabiam é que ela havia sido abandonada quando bebê em um orfanato, com um bilhete avisando que não tinha parente algum. Tia Inês, então, leva Sabrina para morar na casa que vivia com Dona Gracinha — a avó da protagonista.

Aparentemente, a vida de Sabrina parecia melhorar, mas o que ela não sabia é que essa mudança era só o começo de uma terrível realidade. Na vida nova, ela descobre a trágica história de sua mãe e tem que aprender a conviver com a “loucura” e traumas de sua avó. Entretanto, o pior estava por vir: Tia Inês é assassinada pelo ex-namorado.

Com a responsabilidade de cuidar sozinha da casa e da Dona Gracinha, Sabrina, aos dez anos de idade, se vê sem saída e entra no mundo da prostituição, assim como sua tia Inês. Ao desenrolar da trama, a menina começa a criar fortes laços com Andrea Doria, seu parceiro de dança, e Paloma, a mãe dele, que, ao final do enredo, decide adotar Sabrina e sua avó, a fim de mudar a realidade que viviam.

Lygia Bojunga estruturou seu livro em diversas temáticas sobre diferentes aspectos da vida comum, são elas: machismo/submissão da mulher ao homem; libertação feminina; feminicídio; sexualidade na adolescência; desconstrução de estereótipos masculinos e conflitos familiares, as quais serão apresentadas detalhadamente nas seções abaixo:

2.1.1 Cinquenta tons de submissão

Um tema recorrente do livro *Sapato de Salto* é o machismo, justamente pelo fato da autora apresentar a realidade da sociedade atual, que é marcada pela visão patriarcal. As relações entre homem e mulher apresentadas na obra são atravessadas pela submissão feminina, prática na qual as mulheres estão abaixo dos homens e devem se sujeitar às suas vontades. Segundo Scott:

O patriarcado é uma forma de organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade. (SCOTT, 1995, p. 75)

É possível notar esse comportamento no relacionamento de Paloma e Rodolfo. O personagem se apresenta como moralista e controlador, possivelmente fruto de uma criação machista. Paloma é uma mulher dócil e compreensiva, que vive constantemente preocupada com o crescimento do filho Andrea Doria, pois o papel da criação do menino recaía sobre ela e Rodolfo a cobrava incessantemente sobre a questão.

Oprimida pelo marido, Paloma recebe a culpa da morte de sua filha Betina, que não resistiu após complicações durante o parto: “[...] Ele disse que foi a minha teimosia de mula

que matou a filha dele. Que eu sou a culpada. Que eu cometi um crime.” (BOJUNGA, 2006, p. 147).

Em conversas com seu irmão gêmeo Leonardo, a personagem desabafa sobre a situação e conta como se sentia presa no relacionamento: “Eu tô com medo Léo, eu tô com muito medo! A gente não se entende mais, o Rodolfo e eu; parece que cada dia que passa a gente pensa mais diferente” [...] (BOJUNGA, 2006, p. 81).

Paloma, ao casar-se com Rodolfo, largou seus sonhos, os estudos e a possibilidade de uma carreira, e tudo isso sem muito custo pois estava apaixonada, querendo ser mãe para formar uma família feliz ao lado do homem:

[...] Eu sei que a gente sempre pensou diferente, mas eu sempre fui louca por ele, então nunca me custou tanto assim abandonar meus sonhos de viagem, de uma profissão, disso e daquilo, porque, no fundo, o que eu queria mesmo era viver sempre com ele, ter filhos com ele, uma família feliz com ele, com ele! [...] (BOJUNGA, 2006, p. 81)

Além disso, é possível perceber, na obra literária, as relações de poder marcadas pela objetificação da mulher. A sociedade patriarcal, associada a influências midiáticas, acaba por naturalizar o assédio sexual e o estupro. Tia Inês, por exemplo, vivia uma relação abusiva com o ex-companheiro e entrou na prostituição para manter o relacionamento: “Então vim te buscar. [...] Agora eu já sei que zona ‘cê vai trabalhar pra descolar muito mais grana do que descolava no Rio” (BOJUNGA, 2006, p. 133).

Por meio da personagem Sabrina, a autora discute também o abuso sexual. A menina, ao chegar na casa de Gonçalves, passa a ser assediada, mesmo sem entender direito o que estava acontecendo. O patrão passou a abusar Sabrina, usando-a como fonte para o seu prazer sexual e recompensando-a com pagamentos na forma de “presentinhos”. Após perder a tia, a situação se repete. Apesar de Sabrina ter “consciência” do que estava acontecendo, a menina se vê mais uma vez subordinada aos desejos de homens, mas dessa vez, para sobreviver: “– E o que que você é? – Puta, ué. [...] Puta não é quem descola uma grana pra fazer coisa que homem quer que a gente faz quando fica pelada?” [...] (BOJUNGA, 2006, p. 215).

É interessante analisar, ainda, que Matilde, esposa de Gonçalves, é mais uma vítima do machismo estrutural, vivendo sujeita ao marido. Apesar de saber o que se passava em sua casa, omite a situação e naturaliza o estupro. Quando se vê diante da oportunidade de “se livrar” de Sabrina para ter o marido de volta, Matilde não pensa duas vezes em liberar a menina para morar com a tia.

2.1.2 Empoderamento feminino

Apesar da narrativa que elucida a opressão patriarcal, Lygia mostra a possibilidade de um processo de libertação feminina do autoritarismo imposto pelos homens. Depois de tanto sofrer, Paloma percebe o quanto sua relação com Rodolfo era abusiva e a fazia mal: “Eu não

fui criada pra me tornar tão dependente. Mas me adaptei. Fui sempre tão apaixonada por você que fiz de mim gato-sapato pra me adaptar à dependência de você. E acho até que consegui. Durante vários anos.” (BOJUNGA, 2006, p. 247).

Cansada de viver sob as condições e imposições do marido, Paloma fica dias refletindo em uma antiga poltrona de sua mãe, até tomar a difícil decisão de contar para o homem sobre seus planos e sentimentos. Em uma noite, após Rodolfo chegar em casa e provocá-la, Paloma conta que queria adotar Sabrina. O homem ironiza a situação, e a mulher desabafa: [...] “Se você quer continuar vivendo comigo, você vai ter que repensar o teu jeito. Eu repensei o meu. E eu não estou disposta a abrir mão da ideia de adotar a Sabrina” (BOJUNGA, 2006, p. 241).

Paloma, que antes se limitava ao âmbito doméstico – assim como muitas outras mulheres – consegue se libertar da relação que vivia com o marido, deixando-o livre para escolher o final da história do casal, pois, caso ele quisesse continuar com a união, teria que dividir as responsabilidades financeiras e domésticas: [...] “Você sempre administrou os teus negócios, a tua vida. Eu me limitei a manejar a casa. Só que, agora, eu estou resolvida a administrar esta casa.” (BOJUNGA, 2006 p. 247).

Dessa forma, a personagem conquista a sua independência financeira, sendo livre para seguir sua vida da maneira que deseja. Além disso, Paloma cita o legado que seus pais deixaram na sua vida: “uma belíssima educação” (BOJUNGA, 2006, p. 248), e que agora ela poderia “tirar a poeira” do que havia estudado e seguir a sua profissão com a parceria do seu irmão Leonardo, do filho Andrea Doria e de Sabrina, que agora faria parte da família.

2.1.3 Masculinidade tóxica

Relacionado ao machismo, outro tema abordado no livro *Sapato de Salto* é o estereótipo do comportamento masculino. Como citado, a cultura machista e patriarcal se encontra através de um longo processo histórico, enraizada na sociedade. Dado isso, a construção social de estereótipos masculinos é naturalizada. Desde pequenos, os meninos presenciam discursos que delimitam suas ações de acordo com seu gênero: “boneca e casinha são coisas de menina”; “meninos jogam futebol”; “homem não chora”; “cozinha é lugar de mulher”, “rosa é cor feminina”, entre outras imposições.

Por esse motivo, meninos acabam crescendo submetidos a um perfil hegemônico de masculinidade que é tóxico, pois, ao buscar o ideal de força, virilidade, poder e brutalidade, elimina qualquer conduta ou característica que possa ser classificada como símbolo de feminilidade: vaidade, sensibilidade, sentimentalidade, delicadeza, etc.

É interessante analisar como Lygia desconstrói esses padrões através do personagem Andrea Doria. Em sua primeira aparição na história (BOJUNGA, 2006, p. 44), inconscientemente, o leitor é induzido a relacionar o nome Andrea Doria com uma menina, causando certa estranheza. Ademais, o personagem procura Inês interessado em fazer aulas de dança – comportamento associado ao gênero feminino. Sabrina, após a morte de sua tia, enfrenta experiências e aprendizados marcantes para seu desenvolvimento.

Outro tabu apresentado é o pensamento de que expor meninos a brincadeiras e atividades classificadas como “coisas de menina” influencia na sexualidade da criança. Rodolfo, pai de Andrea, associa a orientação sexual do garoto ao fato dele participar ativamente nas atividades domésticas, pelo grande entusiasmo em dançar, por não ter interesse em futebol e, até mesmo, por seu nome “feminino”, culpando Paloma pelo comportamento do filho:

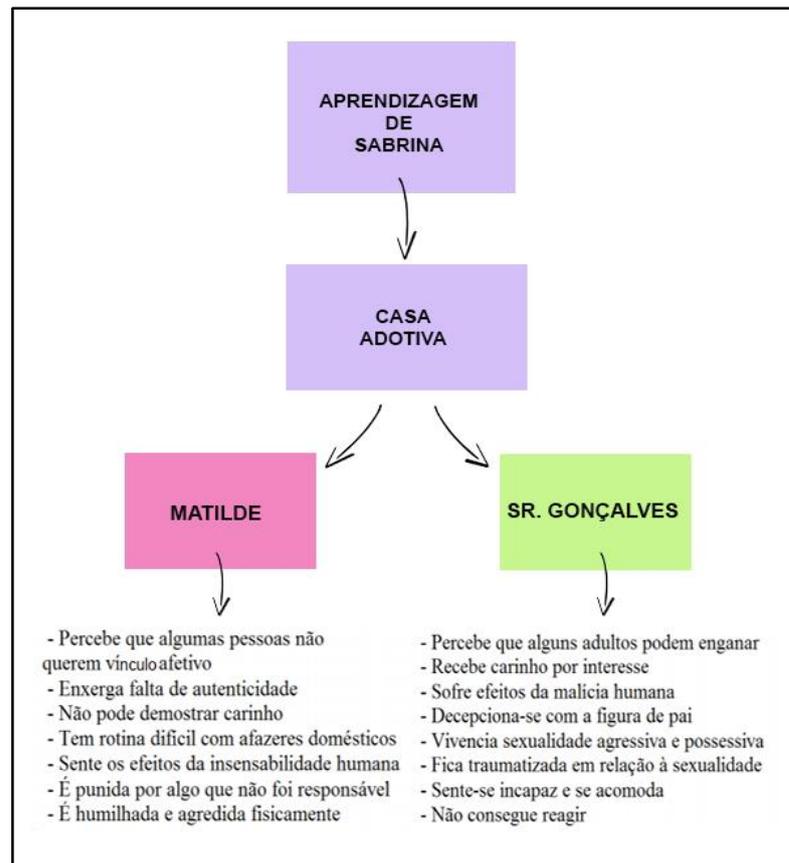
[...] viu, de longe, o Andrea Doria e um amigo dele, o Joel [...] Ficou espiando e lá pelas tantas viu os dois se beijando. Na boca. [...] o Rodolfo começou a me acusar de ter criado o filho dele pra ser gay. [...] Disse que eu deveria estar muito satisfeita: eu não botava o menino pra lavar louça? pra fazer a cama? eu não vivia falando que machismo não dá pé? eu não tinha aproveitado uma viagem longa que ele teve que fazer [...] pra escolher sozinha [...] o nome que eu ia dar pro filho dele? e que eu, muito louca, tinha escolhido um nome de mulher?! (BOJUNGA, 2006, p. 69)

Isso posto, pode-se notar como a “masculinidade tóxica” – fruto de uma construção sócio-histórica machista – é maléfica para as relações familiares, perpetuando a violência e preconceitos sexuais e de gênero. Além disso, a imposição de estereótipos comportamentais masculinos não afeta exclusivamente as mulheres, sendo prejudicial aos próprios homens. Segundo relatório da Organização Mundial de Saúde (2019), um em cada cinco homens na região das Américas morre antes dos 50 anos, estando muitos desses óbitos diretamente relacionados a uma construção machista (OMS, 2017).

2.1.4 Casos de família

As relações familiares apresentadas no livro são marcadas por conflitos internos, refletindo a realidade de muitas famílias brasileiras. Logo no início, a autora apresenta o cenário da casa onde Sabrina foi morar: um casal com boas condições financeiras que “adota” uma menina órfã para ser babá dos dois filhos. Esse cenário é, atualmente, recorrente, no qual muitos pais transferem a responsabilidade da criação dos filhos para terceiros. Segundo o psiquiatra José Martins Filho (apud PEDROSA, [2020]), a criança acaba aprendendo valores e culturas de terceiros ou da mídia/internet, o que se caracteriza em abandono, e reitera que isso acarreta prejuízos futuros. Diante desse contexto, Sabrina enfrenta outros novos aprendizados, como pode-se observar na figura 1:

Figura 1 – Aprendizagem de Sabrina na casa adotiva.



Fonte: Adaptado pelos autores (MAEDA, 2011, p. 79).

Seu Gonçalves, que aparenta ser um homem bem instruído, educado, e que vive uma vida normal com seus filhos e a esposa, na verdade, era um pedófilo, que abusa sexualmente de Sabrina sob o mesmo teto de seus filhos e sua mulher – uma realidade que infelizmente é mais comum do que se imagina. Dona Matilde, inicialmente, é apresentada como uma mulher fria e preconceituosa e, ao descobrir os atos sórdidos de seu marido em relação à Sabrina, fica evidente a ausência de sororidade por sua parte, passando a tratar a menina da pior maneira possível, culpando-a pelos acontecimentos:

Dona Matilde deu para repreender Sabrina cada vez com mais aspereza. Botou ela pra lavar prato, arear panela, esfregar chão, limpar vidro, varrer jardim. Na hora de cuidar das crianças a Sabrina não conseguia mais vencer o cansaço e volta e meia cochilava. Dona Matilde começou a bater na Sabrina cada vez que pegava ela cochilando. (BOJUNGA, 2006, p. 26-27)

Quando a Sabrina chegou mais perto pra dar um beijo de despedida, recebeu uma bofetada na cara:

– É pra você não se esquecer que eu não vou me esquecer. – E bateu a porta com a mesma força da bofetada. (BOJUNGA, 2006, p. 36)

O segundo cenário familiar, no qual o leitor é introduzido, é o da família biológica de Sabrina. Após a menina questionar o comportamento estranho de sua avó, Tia Inês conta a história da família: o marido de Dona Gracinha trabalhava em um sítio e ela lavava e passava roupa. Inês narra que ela e sua irmã Maristela (mãe de Sabrina) tinham uma infância feliz até

então. Certo dia, o pai delas, que era envolvido com bebida, abandona a esposa e suas filhas, dizendo que estava indo “pro mar”. É possível perceber que, a partir de então, Dona Gracinha e suas filhas ficaram desamparadas e tiveram suas vidas mudadas para sempre.

Pode-se refletir como a negligência paterna influenciou negativamente no futuro das meninas. Nessa perspectiva, Trapp (2017, p. 47) afirma que “o pai representa a possibilidade de o equilíbrio pensado como regulador da capacidade da criança investir no mundo real [...]”. A ausência ou abandono paterno é extremamente prejudicial ao desenvolvimento psíquico da criança”.

Cercada de dificuldades, as três mudam-se para o Rio de Janeiro, com a esperança de uma vida melhor. Entretanto, a realidade era diferente: a vida na cidade grande trazia mais liberdade, e um dia Dona Gracinha descobre que Maristela estava grávida aos 14 anos. Envergonhada e com medo, Maristela foge de casa e, após passar por dificuldades, começa a se prostituir e comete suicídio: “...Eles entraram. E um dos homens falou: – O corpo da tua filha Maristela tava no fundo rio amarrado nesta pedra aqui. – Botou a pedra em cima da mesa.” (BOJUNGA, 2006, p. 93-94).

Em um momento do livro, Inês lembra que, após a morte da irmã, ela larga a mãe para morar em Copacabana e, iludida por um homem mais velho, a moça entrou no caminho das drogas e da prostituição: “Dona Gracinha, vê se entende, vê se entende, vê se entende! tô indo m’embora pra Copacabana e vou pra morar! Tenho que acompanhar o homem que é a paixão da minha vida, vê se entende!” (BOJUNGA, 2006, p. 124).

A última família apresentada na obra é a de Andrea Doria. O menino mora com os pais: Paloma e Rodolfo. A relação do casal é marcada por conflitos, principalmente em relação à criação de Andrea Doria. Rodolfo faz o papel de provedor da casa e se vê no direito de exercer ordens sobre todos. Cercado de constantes discussões, o menino também é afetado com as desavenças dos pais, percebendo tudo que acontecia. Acerca desse aspecto, em uma entrevista, a professora e pesquisadora Lídia Weber afirma que brigas e desrespeito entre casais são prejudiciais para os filhos. “Sabemos, com certeza, que não basta ter ótimas práticas educativas. Os pais também devem ter bom relacionamento entre eles.” (apud RODE, [2020]).

Sendo assim, é possível perceber, nos três casos, que a desestruturação familiar acarreta sérios malefícios. Muitas situações poderiam ser evitadas com uma boa comunicação diante dos problemas. Afinal, conforme afirma Vygotsky (1998) sobre o desenvolvimento do sujeito, o indivíduo é resultado, também, da relação com o meio onde vive, sendo imprescindível o diálogo e bom relacionamento entre pais e filhos.

2.1.5 Não são apenas estatísticas

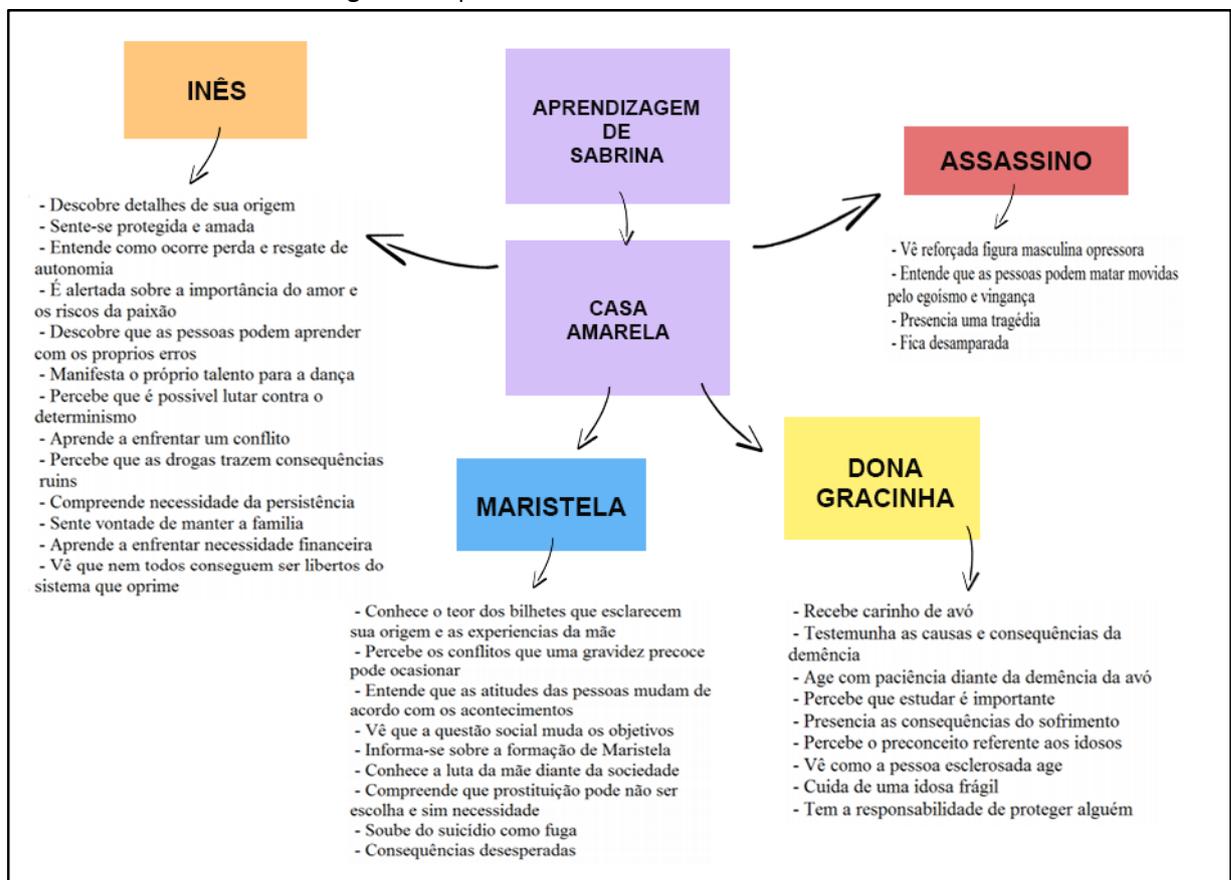
Segundo a Agência Patrícia Galvão³, o feminicídio é caracterizado como o assassinato de uma mulher pela condição de ser mulher, motivado usualmente pelo ódio, desprezo ou o

³ Para mais informações, conferir: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violenacias/feminicidio/> Acesso em: 21 mai. 2020.

sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres, comuns em sociedades marcadas pela associação de papéis discriminatórios ao feminino, como é o caso brasileiro. Nesse mesmo sentido, os dados publicados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública⁴, entre os anos de 2016 e 2018, indicam que foram registrados mais de 3,2 mil casos de feminicídio no Brasil, sem levar em conta o grande número de casos não notificados.

Acerca dessa temática, Lygia retrata, de forma muito real e cruel, a terrível realidade do feminicídio. O capítulo 8 narra a chegada do ex-namorado de Tia Inês à casa onde ela vivia. O clima de tensão acaba no brutal assassinato da mulher, levando três tiros na frente de Sabrina e Dona Gracinha. O crime foi cometido por conta do sentimento de posse do assassino por Inês, por não aceitar o fim do relacionamento, por tratá-la como sua propriedade: [...] “Num gesto rápido, o Assassino agarrou a mão que segurava a arma, desviou ela pra tia Inês e, de dedo comandando o gatilho, disparou uma, duas, três vezes.” (BOJUNGA, 2006, p. 141-142). Como é possível observar na Figura 2 a seguir, os aprendizados de Sabrina na casa amarela foram diversos:

Figura 2 – Aprendizados de Sabrina na casa amarela.



Fonte: Adaptado pelos autores (MAEDA, 2011, p. 80).

É importante analisar a impunidade mediante a atrocidade cometida, pois, após o crime, o homem abandonou o local e fugiu. De forma análoga, é possível perceber que,

⁴ Site: <https://forumseguranca.org.br/tag/violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em 11 abril 2021.

atualmente, apesar da criação da Lei do Feminicídio, em 2015, que prevê punições para os delinquentes, sua criminalização não é eficiente para evitá-lo. A morte de mulheres aumenta mais a cada ano, sendo necessária a adoção de medidas mais eficazes para combater o problema.

2.1.6 Adolescência e sexualidade

A adolescência é uma fase marcada por mudanças e descobertas, sejam elas físicas, psicológicas, sociais ou sexuais. A Organização Mundial da Saúde define a fase da adolescência como período marcado, entre outras características, pela busca de autonomia sobre as decisões, emoções e ações, pelo desenvolvimento de habilidades e a vivência da sexualidade. É um período em que adolescentes exploram mais intensamente sua identidade sexual e de gênero (OPAS, 2017).

Diante desse contexto, Andrea Doria é apresentado no livro como um adolescente que experiencia o processo de descoberta da sua orientação sexual. O menino vive um relacionamento homoafetivo com Joel, com o qual passa por suas primeiras experiências amorosas e sexuais. Contudo, Andrea apresenta dúvidas quanto a sua sexualidade, como é ilustrado no fragmento a seguir:

– Eu sei lá se eu sou gay ou sou o quê. Vai ver eu sou: eu nunca gostei de nenhuma menina... Eu não curto jogar bola... Eu só gosto de dançar...
[...] – Pois é, essa é a primeira vez que eu experimento ter um caso com alguém. Eu não sabia como é que era. Calhou que foi com o Joel. Mas, às vezes, eu fico pensando que podia ter calhado com uma mulher, e aí? Eu quero dizer assim: se uma mulher mais velha (o Joel é seis anos mais velho que eu, sabia?) tivesse me pegado, feito o Joel me pegou pra gente... transar... aí como é que ficava? Eu não era mais gay?
[...] – Eu não tô gostando desse meu caso com o Joel! Não tô gostando nada. Quer dizer, tem umas coisas que ele faz comigo que eu gosto sim, mas sei lá! Se uma mulher fizesse, vai ver eu também ia gostar... (BOJUNGA, 2006, p. 193-194)

Em sua escrita, Lygia perpassa temas acerca da homossexualidade, que, nos dias atuais, ainda é um tabu que deve ser quebrado. Além dos problemas enfrentados no relacionamento com Joel, Andrea vivencia a homofobia dentro e fora de casa: “– Ano passado eu andei brigando com uns garotos lá na escola. Eles me chamaram de gay” (BOJUNGA, 2006, p. 193). No trecho, é possível perceber como a sociedade usa a palavra “gay” com uma conotação pejorativa.

Análogo à realidade, Rodolfo não aceita a orientação sexual do filho. Apesar das informações e lutas para combater o preconceito, por construções históricas, religiosas e culturais, a homossexualidade ainda é considerada por muitos como um distúrbio que deve ser tratado. Esse preconceito enraizado acaba por gerar conflitos, nos quais o adolescente não é compreendido em casa pois não há abertura para um diálogo amigável: [...] “quando um dia eu comecei a conversar com meu pai de umas dúvidas que eu tenho, ele veio logo com aquele jeito mandão que você conhece, e aí eu desisti.” (BOJUNGA, 2006, p. 187).

Consoante ao tema, é válido destacar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) garante o direito do jovem a ser respeitado no âmbito familiar. O Capítulo II e Art.17, p. 26. assevera: “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade à integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.” (BRASIL, 1990, p. 26). Entretanto, a realidade é que muitos jovens e adolescentes são violentados diariamente no próprio ambiente familiar. Rodolfo, na tentativa de corrigir o comportamento que considera errado, agride, humilha e repreende o filho:

[...] o Rodolfo chegou em casa possesso: tinham visto o Andrea Doria e o Joel saindo juntos da biblioteca e sumido lá pros lados do rio; já andava na boca do povo que “o meu filho é a paixão daquele veado!” Foi só Andrea Doria chegar em casa pra cena começar: o Rodolfo acusando o filho de envergonhar ele na cidade; [...] Andrea Doria acabando de se exasperar e dizer: o Joel tem razão: você é um patriarca moralista e preconceituoso. Pronto! A frase pomposa do Joel foi a última gota: o Rodolfo pegou o chicote que usava quando saía a cavalo e, diante dos protestos horrorizados de Paloma, aplicou duas ou três chibatadas no Andrea Doria, exclamando, exaltando: – Pra você deixar de ser um fresco! (primeira chibatada); pra aprender a ser homem! (segunda); na terceira Paloma se meteu no meio, e, se não é o Andrea Doria empurrar ela, tinha sobrado pra Paloma também. (BOJUNGA, 2006, p. 226-227)

Por essa razão, Andrea – ao se sentir incompreendido – busca apoio em outras pessoas, como seu tio Leonardo, Joel e Sabrina. Em uma fase marcada por constantes transformações, descobertas e consolidação da identidade, é imprescindível que haja um diálogo aberto no ambiente familiar e que o convívio entre pais e filhos propicie segurança em momentos e situações de vulnerabilidade.

2.2 Conversas literárias entre Lygia, Simone e Pierre

O Segundo Sexo, obra de Simone de Beauvoir, é construído em formato de dois volumes que foram publicados em 1949. No primeiro, intitulado *Fatos e Mitos* (BEAUVOIR, 1980), são apresentados ideias e pensamentos sobre as mulheres a partir de diferentes pontos de vista, como: o biológico, histórico, literário e antropológico. Para Simone, nenhuma dessas áreas é suficiente para definir a mulher, mas contribuem para a definição da mulher como o “segundo sexo” diante do homem.

Na primeira parte do livro I, a autora utiliza a perspectiva biológica e histórica para argumentar que não há justificativas para considerar a mulher inferior ao homem. Na segunda parte, é explicado o que causa essa situação, mostrando que, desde a antiguidade, mulheres e homens ocuparam posições tão distintas na sociedade. A terceira parte retrata os mitos e o papel auxiliar da mulher: as deusas sendo representadas como benevolentes e caridosas, enquanto os deuses representando a justiça, a força e o destino.

A redatora Katuscia Zini, do site *Blogueiras Feministas*⁵, ao abordar sobre as obras de Simone, explica que, na Idade Média, o cristianismo recusa Maria como mulher para exaltá-la como mãe, “escondendo” o seu corpo. Em muitas culturas, a menstruação é vista como algo impuro, mito que ainda persiste mesmo no século XXI. Após o casamento, a mulher se tornava propriedade do marido, sendo “escravizada” com cerimônias e contratos. Segundo Simone: “apega-se a mulher, não para desfrutá-la e sim para desfrutar de si mesmo” (BEAUVOIR, 1980, p. 275). Nesse sentido, a autora pontua que, se a mulher desrespeita as regras da sociedade, desencadeia reações muito severas, o que não acontece com homens na mesma situação.

Em todos os acontecimentos destacados da obra *Sapato de Salto*, o machismo está presente, representando uma sociedade patriarcal na qual as mulheres são submissas aos homens e aceitam suas vontades. Por exemplo, na relação de Paloma e Rodolfo, ela aceita os desejos do marido sem questionar, tendo até de abandonar os sonhos e ambições para se casar com ele. Além disso, há um relacionamento abusivo, pois Rodolfo culpa Paloma por diversos motivos, como o comportamento afeminado do filho deles, e pela morte da caçula, Betina. Apesar disso, Paloma, continua nesse relacionamento, pois se sente perdida e não sabe como sair dele.

O segundo volume da obra de Simone, intitulado *A experiência vivida* (BEAUVOIR, 1980), inicia-se com a frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A autora acredita ser um absurdo a afirmação de que as mulheres nascem femininas e devem se ajustar a esse conceito. Na obra, ela analisa os papéis da esposa e de mãe, evidenciando como as mulheres são obrigadas a terem vidas monótonas ao invés de se realizarem com o trabalho e a criatividade, já que elas têm de cuidar da casa e dos filhos, além da “obrigação” de servir sexualmente ao marido.

A falta de coragem para enfrentar uma sociedade legitimamente machista levou e ainda leva muitas mulheres a aceitar subordinarem-se aos homens. A respeito disso, Beauvoir (1980, p. 477) afirma: “há primeiramente, bem entendido, numerosas mulheres que aceitam a própria sociedade tal qual é”. Porém, existiram mulheres que lutaram contra esses “valores” do sistema e buscaram rever os conceitos atribuídos ao “ser mulher”. A própria Simone de Beauvoir pode ser citada como exemplo, pois aborda em seu livro ideais femininos revolucionários, instigando os leitores a refletirem sobre a questão feminina e o que é aceito ou não pela sociedade.

O questionamento e a luta contra esses valores acarretam a libertação da mulher, que consegue identificar e negar a opressão e machismo sob o qual fora submetida por toda a sua vida. Analisando novamente as implicações da personagem Paloma, no livro, é abordado o modo como ela consegue se livrar do relacionamento abusivo que tanto a machucava, visto que mudara totalmente sua personalidade para se encaixar nos padrões do marido. Houve um dia em que ela se cansou de tudo e toma a decisão de enfrentar Rodolfo, contando a ele que pretende adotar Sabrina, mesmo que ele não concorde com isso. Quando Rodolfo discorda da decisão e ameaça sair de casa, Paloma avisa que ele está livre para decidir o rumo

⁵ Para mais informações, conferir: <https://blogueirasfeministas.com/2019/03/27/os-70-anos-de-o-segundo-sexo-os-mitos-de-ontem-e-de-hoje/>. Acesso em: 18 mai. 2020.

do relacionamento deles, mas que ela não mudará de ideia. O ato demonstra que Paloma está prestes a se libertar e a conquistar sua tão sonhada independência financeira e emocional, estando livre para decidir qual rumo sua vida tomará, tanto no âmbito profissional quanto no familiar.

Ainda na primeira parte do livro de Simone, são expostas as tradições ocidentais e como a hierarquia dos sexos surge para as meninas na experiência familiar, as diferenciando dos meninos, estes que podem ser tudo o que quiserem, enquanto elas têm suas escolhas limitadas. Simone também abarca as necessidades sexuais das mulheres: de satisfazer seus desejos físicos e de conhecer o relaxamento e a diversão proporcionados pela experiência sexual. Contudo, essa liberdade é considerada, em muitas sociedades, uma forma de comprometer a reputação da mulher, que passa a ser severamente vigiada. Nessa questão, ela jamais será equivalente ao homem, sendo sempre muito julgada, já que a vida sexual feminina provoca desconforto perante a sociedade.

Sobre esse assunto, Lygia também evoca discussões sobre a sexualidade feminina em sua obra, principalmente na adolescência, mostrando como a falta de educação sexual e o machismo prejudicam as pessoas. A mãe de Sabrina (Maristela) é enganada por um homem mais velho e acaba engravidando e é abandonada por seu parceiro, resultando em sua saída de casa, uma vez que acreditava que tinha envergonhado sua mãe por engravidar solteira. Essa temática também aparece em torno da personagem Inês, tia de Sabrina, novamente com uma conotação negativa, pois ela é obrigada a passar anos de sua vida se prostituindo até se ver livre do relacionamento abusivo em que se encontrava. Ao voltar para a cidade onde cresceu, é julgada por seu passado, pois alguns não acreditavam que ela havia mudado de vida e afirmavam que ela utilizava de suas aulas de dança como pretexto para se prostituir às escondidas. Todo esse julgamento se dá pelo fato de Inês ser uma mulher solteira e independente, cuidando sozinha de sua família: Vó Gracinha e Sabrina, que significavam muito para ela. A sexualidade na adolescência também é mostrada no personagem Andrea Doria, que “descobre-se”, entendendo mais sobre si mesmo e sua orientação sexual quando estava apaixonado por Joel, sua primeira experiência sexual.

Já a obra *O segundo sexo* também ressalta a independência feminina. A autora acredita que a distância entre homens e mulheres foi diminuída com a entrada da mulher no mercado de trabalho, mas que novos conflitos surgiram pelo mesmo motivo. A liberdade econômica feminina não garante que a mulher tenha uma posição social igual à masculina. Além do horário de trabalho formal, há ainda a segunda jornada da mulher, que se inicia ao chegar em casa, tendo de cuidar dos filhos, do marido, entre outros afazeres.

Tal construção social revela grandes desigualdades entre homens e mulheres, como diferentes salários para o mesmo cargo, a permanência da imagem da mulher como objeto, a diminuição da capacidade feminina baseada no seu gênero, etc. Muitas mulheres ainda são submetidas a maus tratos, prostituição e outras violências. Simone apresenta várias formas para as mulheres alcançarem a emancipação feminina, a mais importante sendo a realização da mulher com projetos próprios. Ela é uma grande influenciadora do feminismo na filosofia

política e da segunda onda do feminismo no Brasil, com conceitos importantes para essa luta, sendo uma obra muito relevante e, por isso, atemporal.

Em outra perspectiva, a obra literária *A dominação masculina* (2002), de Pierre Bourdieu, explora o controle masculino como uma violência simbólica, muitas vezes não sendo vista nem por suas vítimas e exercida nas vias de comunicação e de conhecimento, como a escola e o Estado, locais que deveriam ser o foco do feminismo para Bourdieu. Um dos motivos do autor para escrever essa obra foi a curiosidade de não ocorrerem mais subversões, como a feminina, por exemplo: aceitar o mundo como ele é, sem questionar suas injustiças e privilégios.

Essa aceitação do preconceito leva a conflitos familiares, como os evidenciados no livro da Lygia, no qual as famílias são marcadas por conflitos internos, como na “família adotiva” de Sabrina, que não demora a revelar seu verdadeiro caráter. Seu Gonçalves, entendido inicialmente como um homem bonzinho, abusa sexualmente de Sabrina, a “subornando” para que ela não diga nada a ninguém. Quando dona Matilde descobre, não culpa o seu marido por tais atos, mas sim Sabrina, que é apenas uma criança. Isso é um grande exemplo da dominação masculina, pois não importa o que aconteça, para muitos, a mulher é sempre a culpada e Matilde acaba por revelar sua grande falta de sororidade. Já na família biológica de Sabrina, sua mãe e sua tia foram iludidas por homens mais velhos, com falsas promessas de amor, mas que só trouxeram problemas para ambas.

Dessa forma, quando contínuos, os conflitos familiares acarretam **no** feminicídio, definido como um crime de ódio contra a mulher. No livro, essa realidade é retratada de uma maneira muito forte, com a tia Inês sendo assassinada por seu ex-namorado e “dono”, cometendo esse crime por Inês não aceitar mais se subordinar a ele, que acreditava ainda ter “posse” sobre a mulher.

Para Bourdieu (2002), na vida em sociedade, homens e mulheres incorporam inconscientemente os “papéis” designados a eles, seus pensamentos sendo frutos da dominação masculina imposta há muito tempo. A fim de quebrar essa tradição, o autor analisa a sociedade Berberes, da Cabília, considerada por ele exótica, mas familiar, com tradições muito seguidas pelas demais sociedades. Essa etnia manteve uma estrutura em que “o masculino” era estruturado como superior, valorizando muito suas ideias e pensamentos, porém em sua maioria machistas, o que se mantém até os dias atuais, mesmo que parcialmente, interferindo nas relações sociais do mundo.

Nesse sentido, Bourdieu (2002, p. 8) afirma que “conformação do ser e as formas do conhecer, entre o curso do mundo e as expectativas” faz com que a divisão entre os sexos aparente naturalidade, como se fosse inevitável, estando presente no mundo social e incorporada nas pessoas. Ele defende ser comum aos homens uma tendência a ter como universal sua forma de ser, evidenciando a dominação masculina ao não precisarem justificar essa “crença”. Essa dominação é validada pela ordem social, por meio da divisão do trabalho, tendo diferentes características entre os gêneros.

Segundo Bourdieu, a dominação masculina também oprime os dominantes, de forma diferente, já que os homens sempre encontram uma maneira de se beneficiarem da situação,

apesar de serem “dominados por sua dominação” (BOURDIEU, 2002, p. 42). Mesmo com as dificuldades de ambos os gêneros se conscientizarem quanto a dominação masculina, é ressaltado o fato de que na atualidade “não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível” (BOURDIEU, 2002, p. 53), as mudanças sendo atribuídas ao movimento feminista, que rompeu com a dominação masculina em muitas áreas da sociedade.

Com a quebra dessa “superioridade masculina”, vem também a desconstrução dos estereótipos masculinos, tema abordado por Lygia no seu livro, novamente com o personagem Andrea Doria, que sonha em ser dançarino profissional, mas se vê impedido pelo pai, Rodolfo, que acredita que dançar é uma prática homossexual. Ele culpa a esposa pelo comportamento do filho, dizendo que Paloma lhe deu um nome feminino (ele não sabe que se trata do nome de um almirante da República de Gênova), faz com que Andrea ajude nos afazeres domésticos e lhe incentiva a dançar ao invés de jogar bola que é “coisa de homem”. Rodolfo chega ao ponto de dar chibatadas em Andrea por ele estar saindo com outro homem, o Joel. Todo esse preconceito faz com que Andrea se afaste do pai, pois não consegue sequer conversar com ele sem discutir, quem dirá ter uma boa relação familiar.

Portanto, é possível associar tal narrativa ao questionamento trazido por Adriano Senkevics (2013), redator do site Geledés: mesmo com todo o trabalho de Bourdieu sobre esse tema, como quebrar a dominação masculina se ela está tão estabelecida em nosso inconsciente e na organização de nossos pensamentos e linguagens? Parte-se da premissa fundamentalmente otimista do respeito que é preciso incorporar em nossas decisões e percepções sobre a moralidade diária da, cada vez mais complexa, vida em sociedade.

3 Reflexões finais

Cada uma das obras suscita, de forma profunda, reflexões a partir do comportamento dos indivíduos em sociedade. Há, cada vez mais, nesta relação, uma grande dose de acontecimentos que serve como plano de fundo para a narrativa de grandes clássicos como as três obras analisadas. Seja pela semelhança observada nessas produções ou por aquilo que cada uma tem a oferecer a mais para outra, são essenciais para repensarmos o modo como lidamos com a moralidade comum. Muitos dos costumes que estabelecemos em sociedade não levam em conta a grande diversidade existente na contemporaneidade. Existem ainda grandes tabus que precisam ser vencidos, uma vez que muitos deles refletem desigualdades e injustiças que também precisamos romper.

No que se refere a essas injustiças, sugere-se como trabalho futuro uma análise entre o livro de Lygia Bojunga e o clássico romance norte americano de Harper Lee *O sol é para todos* (1960), pois observou-se uma certa semelhança entre as narrativas. Enquanto Scout, uma menina inserida em um lar amoroso com a companhia de seu pai Atticus e irmão Jem, vivencia a luta moral de seu pai frente a uma injustiça racial enquanto desenvolve-se como "mulher", a narrativa de Lygia Bojunga retrata de maneira mais densa a situação de Sabrina, esta que, já no início, revela-se sem família e que diferentemente de Scout, efetivamente passa pelas injustiças em um diálogo alicerçado na realidade enfrentada por muitas mulheres.

Nesse sentido, quem imita quem? A Arte imita a vida ou a vida é quem imita a Arte? Apenas com a leitura de todas essas obras é possível compreender um pouco melhor todas essas temáticas essenciais para o entendimento não só da sociedade contemporânea, mas dela como um todo, afinal a interdisciplinaridade dessas produções literárias abarca a criação de um saber crítico-reflexivo aumentando a capacidade de compreensão da realidade, visto que seus aspectos vão desde a Sociologia até a Política, Psicologia e História.

Portanto, a leitura de produções como as citadas neste trabalho contribuem para o amadurecimento e desenvolvimento de um espírito crítico e cidadão. O que pode ser a realidade senão a leitura que fazemos dela?

Referências

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. São Paulo: Edição Nova Fronteira, 1980. 2 v.

BLOGUEIRAS Feministas. **Os 70 anos de “O Segundo Sexo”**: os mitos de ontem e de hoje. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2019/03/27/os-70-anos-de-o-segundo-sexo-os-mitos-de-ontem-e-de-hoje/>. Acesso em: 18 mai. 2020.

BOJUNGA, L. **Sapato de salto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 23 de mai. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, DF, 9 mar. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em 11 abril 2021.

DOSSIÊ Agência Patrícia Galvão. **Feminicídio**. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/>. Acesso em: 21 de mai. 2020.

GONÇALVES, J. R. et al. Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio. **G1**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>. Acesso em: 22 de mai. 2020.

LEE, H. **O sol é para todos**. São Paulo: José Olympio, 2006.

Quebrando tabus com Lygia Bojunga (2006), Simone de Beauvoir (1980) e Pierre Bourdieu (2002): da Cinderela assediada a outras reflexões

MAEDA, L. A. M. **Uma aproximação entre o *Bildungsroman* e *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga**. Três Lagoas, UFMS, 2011. Dissertação. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1837>. Acesso em: 22 de mai. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **OMS: masculinidade tóxica influencia saúde e expectativa de vida dos homens nas Américas**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-masculinidade-toxica-influencia-saude-e-expectativa-de-vida-dos-homens-nas-americas/>. Acesso em: 22 de mai. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Saúde e sexualidade de adolescentes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publicacoes/saude_sexualidade_adolescente_construindo_equidade_sus.pdf. Acesso em: 21 de mai. 2020.

PEDROSA, S. F. A terceirização dos filhos e as consequências psíquicas da criança terceirizada. **Família**. Disponível em: <https://www.familia.com.br/a-terceirizacao-dos-filhos-e-as-consequencias-psiquicas-da-crianca-terceirizada/>. Acesso em: 20 de mai. 2020.

RODE, R. **Briga dos pais afetam os relacionamentos dos filhos até a vida adulta**. Disponível em: <http://www.radiocoracao.org/artigos/brigas-dos-pais-afetam-os-relacionamentos-dos-filhos-ate-a-vida-adulta>. Acesso em: 20 de mai. 2020.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99. 1995.

SENKEVICS, A. O conceito de gênero por Pierre Bourdieu: a dominação masculina. **Geledés**. Set. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-conceito-de-genero-por-pierre-bourdieu-a-dominacao-masculina/>. Acesso em: 19 mai. 2020.

TRAPP, E. H. H.; ANDRADE, R. de S. As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos. **Revista Ciência Contemporânea**, v. 2, n.1, p. 45-53, jun./dez. 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Arquivos de violência contra a mulher**. [20--] Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/tag/violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em 11 abril 2021.

VYGOTSKI, L. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

